



---

## O JORNAL DE PESQUISA COMO DISPOSITIVO DAS REDES DA CRIAÇÃO E AUTORIA DE PROFESSORAS

---

THE RESEARCH JOURNAL  
AS A DEVICE OF THE NETWORKS OF THE CREATION AND AUTHORSHIP OF TEACHERS

---

LA REVISTA DE INVESTIGACIÓN COMO DISPOSITIVO DE LAS REDES DE LA CREACIÓN Y  
AUTORÍA DE DOCENTES

---

Maristela Midlej Veloso<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutorado intitulada “Redes da criação e autoria de docentes universitárias em tempos de cibercultura”. O estudo foi conduzido pela bricolagem das concepções e práticas da pesquisa-formação e das redes da criação, com a abordagem da complexidade e os pressupostos da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, em diálogo com os estudos da cibercultura e formação de professores e uso de tecnologias digitais em rede. Três praticantes professoras (PP), docentes universitárias de instituições diferentes, nos acompanharam nessa investigação. Analisamos as práticas e artefatos criados por elas em diferentes espaçostempos do ciberespaço, as suas narrativas e os documentos de processo de suas respectivas autorias. Buscamos compreender o movimento da criação das professoras no cotidiano das redes educativas. Para tal, utilizamos diferentes dispositivos de pesquisa, como os microvídeos postados no Instagram, as lives publicadas no YouTube, os livros escolhidos para análise, as nossas conversas, entre outros. O objetivo deste artigo é descrever e analisar um dos dispositivos, o jornal de pesquisa (JP). Constatamos que ele oferece pistas sobre as maneiras como se desenvolve o processo da pesquisa-formação/redes da criação, além de apresentar alguns elementos que contribuem para a formação da professora-pesquisadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa-formação – Jornal de pesquisa – Redes da criação

### SUMMARY

This article is part of a postdoctoral research entitled “Networks of creation and authorship of university professors in times of cyberculture”. The study was conducted by bricolage of the concepts and practices of research-training and creation networks, with the approach of complexity and research assumptions in/of/with everyday life, in dialogue with studies of cyberculture and teacher training and use of networked digital technologies. Three practicing teachers (PP), university professors from different institutions, accompanied us in this investigation. We analyzed the practices and artifacts created by them in different spacetimes of cyberspace, their narratives and

---

<sup>1</sup> **Submetido em:** 04/08/2023 — **Aceito em:** 09/08/2023 — **Publicado em:** 17/08/2023

Docente do Instituto de Artes, Ciências e Humanidades (IHAC) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).  
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3267415144528916> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6386-1583>



the process documents of their respective authors. We seek to understand the movement of teachers' creation in the daily life of educational networks. To this end, we use different research devices, such as microvideos posted on Instagram, lives published on YouTube, books chosen for analysis, our conversations, among others. The purpose of this article is to describe and analyze one of the devices, the research journal (JP). We found that it offers clues about the ways in which the process of research-training/creation networks is developed, in addition to presenting some elements that contribute to the training of the teacher-researcher.

**KEYWORDS:** Research-training – Research journal – Creation networks

## RESUMEN

Este artículo forma parte de una investigación posdoctoral titulada “Redes de creación y autoría de profesores universitarios en tiempos de cibercultura”. El estudio fue realizado por bricolaje de concepciones y prácticas de redes de investigación-formación y creación, con el enfoque de la complejidad y supuestos de investigación en/de/con la vida cotidiana, en diálogo con estudios de cibercultura y formación docente y uso de tecnologías digitales en red. Tres profesores en ejercicio (PP), profesores universitarios de diferentes instituciones, nos acompañaron en esta investigación. Analizamos las prácticas y artefactos creados por ellos en diferentes espacio-tiempos del ciberespacio, sus narrativas y los documentos de proceso de sus respectivos autores. Buscamos comprender el movimiento de creación docente en el cotidiano de las redes educativas. Para ello, utilizamos diferentes dispositivos de investigación, como microvideos subidos a Instagram, live publicados en Youtube, libros elegidos para el análisis, nuestras conversaciones, entre otros. El propósito de este artículo es describir y analizar uno de los dispositivos, el diario de investigación (JP). Encontramos que ofrece pistas sobre las formas en que se desarrolla el proceso de investigación-formación/creación de redes, además de presentar algunos elementos que contribuyen a la formación del docente-investigador.

**PALABRAS CLAVE:** Investigación-formación – Revista de investigación – Redes de creación

## INTRODUÇÃO

Pesquisar, conhecer, refletir e analisar as redes de criação/criação como redes, consequentemente, a autoria, de professores/professoras em tempos de cibercultura leva-nos a acompanhar o movimento gerado/experenciado pelas praticantes culturais, principalmente, os fenômenos emergentes em diferentes espaçotempos no ciberespaço. Além do acompanhamento, consideramos essencial a criação de dispositivos para o sujeito-pesquisador, em que ele possa organizar todo o seu material/conteúdo de pesquisa construído/coletado (de informação e de comunicação), constituindo também a sua própria rede de criação, no caso deste trabalho, o jornal de pesquisa (JP). Dessa forma, o objetivo do artigo é descrever e analisar o uso de tal dispositivo no contexto de uma pesquisa de pós-doutorado intitulada “Redes da criação e autoria de docentes universitárias em tempos de cibercultura”.

De modo geral, o objetivo da pesquisa foi compreender as concepções e práticas de autoria docente no cotidiano das redes educativas; ele se desdobrou em três objetivos específicos, a saber: identificar os móveis internos e externos das docentes universitárias para práticas autorais e ativismos em rede no contexto da cibercultura; compreender o movimento que é gerado na rede de criação docente, o qual envolve pessoas, objetos e saberes; e identificar as

apropriações e sentidos que as docentes desenvolvem em seu fazer pedagógico, a partir da interação com as tecnologias digitais online e offline.

O estudo foi conduzido pela bricolagem das concepções e práticas da pesquisa-formação (MACEDO, 2006; SANTOS, 2019) e da crítica de processos (SALLES, 2008a, 2008b), com a abordagem da complexidade (MORIN, 2005) e os pressupostos da pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2008), em diálogo com os estudos da ciberultura (SANTAELLA, 2013; SANTOS, 2019) e formação de professores e uso de tecnologias digitais em rede. Três praticantes professoras (PP) de diferentes instituições da educação superior nos acompanharam nessa investigação. Para a escolha das professoras universitárias, definimos os seguintes critérios: deveriam ser não brancas; pesquisar/dialogar sobre conteúdos/temas de interesse — relações étnico-raciais, feminismo negro etc.; ter imersão nas redes sociais (rastros de criação); manter um certo grau de interatividade com os seguidores; relacionar-se com temas sociais e educação.

Analisamos os rastros/registros deixados por elas em diferentes espaços, as suas narrativas e os documentos de processo de suas criações. Para tal, utilizamos diferentes dispositivos de pesquisa, como os microvídeos postados no Instagram, as lives publicadas no YouTube, os livros escolhidos para análise e as nossas conversas. Neste texto, o foco será nas contribuições da escrita de diários para a pesquisa-formação e a tessitura das redes de criação da pesquisadora-formadora. Inicialmente, traremos os aportes teóricos sobre o que entendemos por redes de criação e a pesquisa-formação, em seguida discorreremos sobre os dois tipos de diários, dispositivos da pesquisa, assim como sobre as potencialidades da escrita de ambos. Por fim, apresentaremos os resultados encontrados com o uso de tais dispositivos.

## **ABORDAGEM TEÓRICA**

A concepção de redes de criação/criação como rede docente que sustenta a proposta de compreensão do processo de autoria do professor no cotidiano das redes educativas (presenciais e online) foi discutido por Veloso e Bonilla (2018), tomando como base as ideias de Cecília Salles (2008a, 2008b) referentes ao percurso da criação do artista, em que há uma concepção de autoria numa dimensão dialógica, social, interativa, em rede. Concordamos com Salles em que a criação é menos fruto de uma inspiração e mais resultado de trabalho de estudos, reflexões e análises, portanto de um processo que “abarca o raciocínio responsável pela introdução de ideias novas, que abarca, por sua vez, essa perspectiva de transformação” (Salles, 2008b, p. 35-36), o que sugere, segundo a autora, que há criação em diferentes processos de produção, nas várias áreas de conhecimento, sendo diferentes entre eles as conexões dos elementos, os recursos escolhidos e as associações das ideias do autor-criador (BAKHTIN, 2010).

Ressalte-se que a criação compreendida aqui é um processo em rede, ou seja, “[...] um percurso de interconexões instáveis, gerando nós na interação, cuja variabilidade obedece a alguns princípios direcionadores” (SALLES, 2010, p. 17). Essas ligações, para a autora, envolvem as relações do artista (no nosso caso, as professoras-ativistas e a pesquisadora) com seus espaçostempos, articulando, a partir de determinados temas/assuntos/conteúdos, questões relacionadas a suas percepções, memória, acasos, tendências, escolha dos recursos criativos, assim como às diferentes formas de organização do pensamento em criação. Salles (2008b, p. 152) concebe o conceito de rede numa perspectiva social e interacionista, sinalizando que “[...] a autoria se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede, que vai se constituindo ao longo do processo de criação”, portanto, apesar de a autoria ser identificada pelo nome de quem assina uma obra ou uma prática/ação, estas são sempre coletivas.

O tempo vivido pelo sujeito da atualidade, é o da “cibercultura móvel e ubíqua” (SANTAELLA, 2013) ou, como esclarece Santos (2019, p. 36), “a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades”. É nesse contexto que os discursos e artefatos culturais se presentificam nos ambientes virtuais e fenômenos emergem com frequência. Concordamos com a referida a autora quanto à concepção de tais esferas como *espaçostempos* cotidianos de *ensinoaprendizagem*, sabendo que ela as prefere nomear como redes educativas (ALVES, 2010) e/ou espaços multirreferenciais de aprendizagem (BURNHAM, 2000).

Conforme Santos (2019, p. 35), redes educativas, além de incluir os espaços plurais de aprendizagem, são também “modos de pensamento, uma vez que a construção do conhecimento é tecida em rede”, a partir das aprendizagens construídas pela apropriação dos diversos artefatos culturais, tecnologias, interações sociais, entre outros”. A referida autora faz um convite para que aprendamos com a diversidade e a pluralidade de referências e ressalta que “as tecnologias digitais e a cibercultura com sua diversidade de fenômenos poderão estruturar novas práticas de pesquisa-formação multirreferenciais” (SANTOS, 2019, p. 82), entendimento a que chegou inspirada na abordagem da pesquisa-ação (BARBIER, 2007), na multirreferencialidade (ARDOINO, 1998), nas abordagens de formação (FREIRE, 2011; MACEDO, 2006; NÓVOA, 2002, 2004), e na abordagem de pesquisa-formação (JOSSO, 2004).

Apesar de buscar subsídios nas referências citadas, para caracterizar a metodologia que adotou, Santos (2019, p. 102) atualizou os conceitos, a partir das experiências de docência online e da prática cultural da cibercultura. A ideia é fundamentar a pesquisa em contextos de educação online, instituindo-se assim o que ela intitula como “pesquisa-formação na cibercultura” ou “ciberpesquisa-formação”. Eu me identifico com essa metodologia, pois também acredito que “nos colocamos no papel de pesquisadora ativa, envolvida e implicada com o processo de

pesquisa e de aprendizagem” (SANTOS, 2019, p. 102) e que nessa abordagem não se separa a prática pedagógica da pesquisa.

As experiências dessa metodologia, conforme sinaliza a autora, permitem criar ambiências e dispositivos de pesquisa para potencializar o registro e a expressão das narrativas. Dessa forma, “os sujeitos são incentivados a expressar suas itinerâncias formativas, promovendo, muitas vezes, a troca e o compartilhamento com outros sujeitos envolvidos no processo” (SANTOS, 2019, p. 108). Com as possibilidades do digital em rede é possível criar dispositivos que podem convocar os sujeitos pesquisadores para a produção de dados e o diálogo sobre eles. Entre o conjunto de características que sintetizam as especificidades das práticas de escritas através do digital em rede, que nos apropriamos para a criação de jornais de pesquisa, destacamos, conforme Palácios e Ribas (2007): hipertextualidade, interatividade, memória e atualização contínua.

Ressaltamos a hipertextualidade como condição fundante da escrita do jornal de pesquisa digital. De acordo com Lévy (1999) o hipertexto possibilita a leitura de/a navegação em texto de forma não-linear, uma arquitetura hipertextual, “um mosaico de informações permite acesso a diferentes ângulos e percepções sobre um mesmo tema” (PALÁCIOS e RIBAS, 2007, p. 39), potencializando a multivocalidade. Essa possibilidade de acesso rápido a diferentes blocos e fluxos de informações, as fragmentações do discurso, através da organização reticular de links internos (intratxtualidade) e externos (intertextualidade) na página, traduz a dinâmica do webjornalismo.

Ao relacionar uma mistura de linguagens, ou seja, informações verbais e não-verbais, conectando trechos de um texto com imagens, infográficos, podcast, vídeos, animação etc, estamos diante da hipermídia. Em relação a isso, Santaella (2021, p. 46) afirma que “ao permitir e mesmo exigir a interação do receptor, as conexões que vão surgindo transformam em um coautor das mensagens geradas em função de suas escolhas. [...] a hipermídia quebra a linearidade em unidades ou módulos de informação”, formando nós que são chamados de lexias multimídiaicas e nexos associativos, a base da construção dos hipertextos. O *leitorautor*, saltando de uma informação a outra, vai “preenchendo mentalmente os vãos entre elas e buscando conexões de sentido” (SANTAELLA, 2021, p. 48).

O professor-pesquisador Marco Silva (2001) afirma que a interatividade é a “especificidade” necessária para definir as potencialidades das tecnologias digitais de informação e comunicação no novo paradigma da comunicação, que é bidirecional. Ele defende, os “fundamentos da interatividade” através dos quais busca compreender “que especificidades ou singularidades ou prerrogativas conferem ao termo interatividade uma distinção conceitual” (SILVA, 2001, p.132). Silva parte do princípio de que tais singularidades permitem dizer que um produto, uma

comunicação, um equipamento, uma obra são interativos se estiverem imbuídos de uma concepção que contemple “multiplicidade, não-linearidade, bidirecionalidade, potencialidade, permutabilidade (princípio combinatório), imprevisibilidade etc, permitindo ao usuário a liberdade de participação, de intervenção” (SILVA,2001, p.132). No caso, do jornal de pesquisa digital, há a possibilidade de, além da liberdade de navegação, a abertura do pólo emissor através de espaços destinados a comentários, permitindo que o *leitorautor* deixe suas opiniões, críticas e sugestões em relação as mensagens publicadas pelos autores.

Quanto ao lugar da memória, além da quebra dos limites físicos e geográficos, o digital em rede permite um espaço praticamente infinito para compartilhamento de material noticioso e narrativas sob os mais diferentes formatos multimidiáticos e semióticos. Palácios e Ribas (2007, p. 49) ressaltam a importância para a produção de jornais digitais a abertura para o armazenamento de toda informação produzida anteriormente através dos arquivos digitais guardados em bancos de dados, com sistemas de indexação e recuperação de todo o volume de informação, E acrescentam a possibilidade da acumulação de informações, a permissão para a memória coletiva, através do processo de hiperligação dos diversos nós que compõem a web, produzindo efeitos e implicações quanto a emissão e recepção da informação.

A atualização continua é possibilitada pela rapidez do acesso e a plasticidade do digital, contribuindo para o acompanhamento frequente dos autores/das autoras do jornal de pesquisa em torno do desenvolvimento do conteúdo e acontecimentos que sejam de maior interesse. Essa possibilidade permite ao autor/a autora do JP incluir links novos a medida que vão surgindo fatos, referências etc sobre determinado assunto que já foi compartilhado por ele/ela.

Através das interfaces síncronas e assíncronas dos ambientes virtuais (AV), dispositivos de pesquisa se materializam. E assim podemos nos apropriar de diferentes suportes e linguagens para o armazenamento de narrativas, imagens e sons, além da livre expressão e diálogo dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Entre os diferentes dispositivos que podem ser criados nos AV, na nossa investigação optamos pelo (diário) jornal de pesquisa, que pode ser entendido como:

[...] instrumento de autoformação, heteroformação e coformação, a partir de três perspectivas: a formação para a pesquisa, ao dialogar com as questões emergentes do campo; a formação para a escrita, a partir do exercício contínuo do registro das narrativas e, principalmente, nossa formação autoral no contexto da pesquisa” (SANTOS e WEBER, 2017, p. 25).

Como dispositivos de autoformação, com base em Macedo (2006), é possível dizer que os diários da pesquisa se configuram como meios de reflexão do pesquisador “[...] sobre as experiências vividas no campo da pesquisa e no campo de sua própria elaboração intelectual. [...]”, e ajudam o pesquisador a “[...] apreender, de forma profunda e pertinente, o contexto

do trabalho de investigação científica” (MACEDO 2006, p. 133). Ainda de acordo com esse autor, são várias denominações dadas a esse dispositivo, mas todas servem para conceituar “a descrição minuciosa e densa de existencialidade, que alguns pesquisadores despojados das amarras objetivistas constroem ao longo da elaboração de um estudo” (MACEDO, 2006, p. 133).

Consideramos o diário também como um registro do processo de criação (Salles, 2008a, 2008b), em que o autor dialoga consigo mesmo, analisando atividades realizadas, revendo encaminhamentos, documentando seu percurso. Salles (2008a) sugere que os documentos dos processos criativos ajudam a compreender, “[...] no próprio movimento da criação, os procedimentos da produção, e, assim, entender o processo que presidiu o desenvolvimento da obra” (p. 28). Para Macedo (2006), o documento como fonte de análise é qualquer expressão escrita dos sujeitos da pesquisa — redações, projetos, comunicações informais. O referido autor, baseado em Blumer (1969), afirma que “[...] o documento é, na realidade, um ‘fixador de experiências’, como registro objetivo do vivido, principalmente quando se trata de documentos pessoais” (MACEDO, 2006, p. 108). Em se tratando da heteroformação e coformação, o diário sendo compartilhado pode, respectivamente, ser acompanhado/cocriado pelo professor orientador/supervisor (pessoa mais experiente no conhecimento sobre determinado tema) e pelos próprios sujeitos/praticantes da pesquisa.

Em relação ao formato desse dispositivo e ao suporte onde ele será criado, ambos podem ganhar diferentes formas e se realizar em interfaces diversas, dependendo do estilo de escrita do pesquisador e de seus interesses e propósitos. Na nossa pesquisa, com finalidades e suportes diferentes, foram utilizados dois tipos de diários, o jornal de pesquisa (JP) e o diário de campo. Neste trabalho, será priorizada a discussão sobre o uso do JP, mas consideramos importante, mesmo que brevemente, diferenciá-lo do diário de campo, conforme utilizado pela pesquisadora.

De acordo com Barbier (2007), o diário de campo<sup>2</sup>, por não ter necessidade de se tornar público, pode ser constituído de referências múltiplas a acontecimentos, reflexões, comentários que podem ser de diversas áreas do conhecimento, sonhos, desejos, leituras, palavras ouvidas, sentimentos etc. Esse documento, que deve ser escrito diariamente, garantindo a cronologia dos fatos, registra acontecimentos e lembranças que podem remontar a tempos mais antigos, fenômenos que fizeram/fazem eco nas nossas vidas (nas dimensões pessoal, escolar, acadêmica e profissional), são memórias que ressoam no nosso presente. Macedo reconhece a autoria do pesquisador que constrói seu diário de campo. Segundo ele,

---

<sup>2</sup> Ressalte-se que estou me referindo ao diário de campo do pesquisador, com anotações que ele não quer ou não pode publicar por questões éticas ou por outros motivos pessoais, diferente dos usos que os pesquisadores fazem de interfaces digitais para as práticas de diarismos online e que estou fazendo no meu JP.

essa construção “passa por um trabalho de elaboração daquilo que nos constitui tanto em nível imaginário quanto real. Portanto, ao narrar despojada e minuciosamente seu vivido de pesquisador, o sujeito se constitui também” (MACEDO, 2006, p.134).

O Jornal de Pesquisa, segundo Borba, citado por Barbosa (2010), tem como origem o diarismo, mas o engloba. Em ambos, “há uma tensão entre o texto e o fora do texto”, e isso é o que é polêmico neles: com relação ao instituído, eles são instituintes, têm as mesmas raízes; no entanto, enquanto categoria, são diferentes” (Barbosa, 2010, p. 28). Apesar de considerar significativas as ideias do referido autor sobre o JP, é preciso dizer que, na sua proposição, não foram incorporados a epistemologia e os princípios da cibercultura. Há anos, pesquisadores como Oliveira (2002) e Santos (2005) vêm discutindo concepções e práticas de diarismo online, na mesma perspectiva do JP.

Tendo em vista o sentido que estamos dando ao JP também como um diário, recorro a Zabalza (1994), para demonstrar nossa compreensão desse dispositivo como um recurso de expressão do pensamento do professor/da professora pesquisador/pesquisadora nos seus processos criativos, considerando quatro dimensões (Yinger, 1991 citado por Zabalza, 1994, p. 93-97): a) o fato de se tratar de um recurso que implica escrever; b) o fato de se tratar de um recurso que implica refletir; c) o fato de nele se integrar o expressivo e o referencial; d) o caráter nitidamente histórico e longitudinal da narração (que permite observar como os fatos vão evoluindo).

Nessa direção, dando ênfase a primeira dimensão (considerando que contempla aspectos das demais), ainda citando Yinger (1991), Zabalza (1994, p. 93-97) salienta características do escrever como importantes na perspectivas de elaboração de diários, de modo sintético: o processo de escrita de uma determinada realidade é multirrepresentacional e integrativo, apresentando a experiência de um modo e em códigos diversos; b) no processo de escrever produz-se um feedback autoproporcionado (na escrita do diário vai aparecendo o que já se sabe, sente, faz e as razões por que fazem e a forma como fazem); c) escrever requer uma estruturação deliberada, estabelecida pela relação entre o a nova informação e o que já se conhece. Não se escreve de modo mecânico e inconsciente, portanto há uma reflexão implícita nesse processo; d) a escrita é ativa e pessoal, portanto, no caso da escrita de um diário, pressupõe uma implicação cognitiva do autor/da autora a que resulta na construção dos seus pensamentos (pois deve-se estruturar, organizar, reler, refletir, fazer modificações etc).

Feita a caracterização do diário de campo, no tópico seguinte focaremos no relato de experiência de uso do Jornal de Pesquisa. Traremos os aportes teóricos sobre o JP, assim como as potencialidades da escrita desse dispositivo e uma breve descrição do uso. Por fim,

apresentaremos os resultados que nos possibilitaram compreender as características do processo de elaboração do JP, assim como as contribuições e as implicações que ele traz para a formação do pesquisador-formador.

## METODOLOGIA

O ciberespaço, a partir da web 2.0, virou uma incubadora de ambientes virtuais/de mídias/de suportes e linguagens que potencializam a escrita de diários de pesquisa hipertextuais, multimodais e interativos. Nesse sentido, para aproveitar todas essas possibilidades, escolhemos a interface blogue<sup>3</sup> para a escrita do nosso JP.<sup>4</sup> Entendemos a produção/atualização do JP, no sentido epistemológico, conforme já discutido anteriormente (VELOSO e BONILLA, 2018), e à luz das ideias de Barbosa (2010), como possibilidade do registro de nossa itinerância e implicações com o objeto de estudo. As nossas implicações “são nossas ‘armações internas’ que não aparecem” (BARBOSA, 2010, p.36). Nas nossas criações implicadas vamos deixando marcas. Implicação, que está igualmente ligada à autorização, “[...] capacidade de autorizar-se, de fazer-se a si mesmo, ao menos, coautor do que será produzido socialmente. Se o ato é sempre, mais ou menos, explicitamente, portador de sentido, o autor é fonte e produtor de sentido” (ARDOINO, 1993, apud BARBOSA, 2010, p.36).

Ao utilizar uma interface digital como suporte para a escrita do JP, consideramos as proposições de Santos (2019) quando se refere as práticas do diarismo em tempos de Cibercultura, tecnologias móveis e ubiquidade. Na escrita “quase diária” do JP podemos compartilhar fatos ocorridos no nosso cotidiano (inclusive em tempo real), nossas vivências, sejam elas de qualquer ordem/dimensão pessoal. A frequência da atualização vai depender da nossa disponibilidade de tempo e dos acontecimentos. O ideal é não deixar acumular os ocorridos e as reflexões, fazendo um esforço para não se passar mais de três dias seguidos sem alguma postagem.

Sugerimos algumas dicas para organização do JP, a saber: descrever as atividades realizadas, no caso de uma aula/curso/oficina (explicitar o conteúdo, estratégias, duração...); contar o que ocorrer, o que pareça mais significativo; tratar não apenas dos fatos, mas também expressar os sentimentos sobre os ocorridos; garantir a continuidade e uma sistematicidade nas anotações; cuidar para que a informação permita revelar o olhar das coisas que o narrador quer demonstrar a partir de sua reflexão; agregar links com referências diversas sobre o/os tema (s) de interesse

---

<sup>3</sup> Consciente de que a interface blog não está mais incluída entre as preferências dos sujeitos que habitam as redes sociais, resolvi correr esse risco, diante das suas possibilidades.

<sup>4</sup> <https://jornaldepesquisamaristelamidlej.blogspot.com/>

em diferentes linguagens, essa remissão a “outras vozes”, ou seja a multivocalidade, é fundamental para a compreensão plural do objeto de estudo.

Um outro ponto importante a ser considerado na elaboração e atualização do JP é cuidar dos títulos dos textos para chamar a atenção do *leitorautor* e despertar sua curiosidade para acessar o texto. Palácios e Ribas (2007, p. 63) citando Salaverria (2005) apontam três funções do título que já são próprios dos meios tradicionais: a) função identificativa (para individualizar um texto frente ao outro); b) função informativa (deve fazer uma síntese do conteúdo do texto) e c) função apelativa (deve suscitar o interesse para o olho do *leitorautor*. Somando a essas três funções, os autores citados, em decorrência da dinâmica do digital em rede, inclui a função hipertextual (tomando o link como elemento chave para a navegação no ciberespaço). Iniciando com o título do próprio jornal, conforme imagem abaixo do nosso JP, este título já expressa o conteúdo que o *leitorautor* encontrará nos seus diferentes espaços, sendo complementado por uma imagem e descrição:



Imagem 1: Cabeçalho JP<sup>5</sup>

É importante disponibilizar um mapa de navegação no JP, que pode ser o que fizemos, uma tabela<sup>6</sup> contendo links e descrição de cada espaço. O nosso jornal de pesquisa foi organizado em três colunas (começo descrevendo a coluna da esquerda e as postagens centrais. A coluna da direita será descrita mais adiante nesse mesmo tópico). Na situada do lado esquerdo, compartilhamos informações mais gerais sobre a pesquisadora, o JP, o fluxo do pós-doutorado, o projeto da pesquisa e, por fim, páginas específicas das três praticantes culturais. Na coluna central, onde se encontra o espaço das postagens, fui compartilhando fatos marcantes, encontros, acasos, reflexões, leituras, conflitos, estudos, enfim, tudo o que fui achando significativo e que poderia/pode contribuir para a minha rede de criação e para a

<sup>5</sup> Disponível em: < <https://jornaldepesquisamaristelamidlej.blogspot.com/> > Acesso em 14 agosto 2023.

<sup>6</sup> Como a tabela ficou grande, optamos por não disponibilizá-la aqui. Pode ser encontrada no próprio JP.

construção dos elementos da criação das práticas culturais da pesquisa, consequentemente para a minha autoria na escrita do relatório de pesquisa e de artigos.

Para além do registro e das reflexões, de um modo geral a riqueza nas postagens das mensagens está em poder revê-las, apropriar-se delas quando se julgar adequado, conveniente para determinado contexto. Mais que isso, o JP é um incentivo à escrita e à disciplina da escrita frequente e da organização das anotações dos dados que vão sendo construídos. Vale ressaltar que o JP permite a produção de uma escrita subjetiva e autoral, ou seja, “a possibilidade da escrita pessoal, despreocupada, criadora, como registro livre, ao mesmo tempo significativo para o sujeito que escreve, no momento em que escreve, mas que traz em seu bojo a possibilidade e o desejo contido de se tornar pública” (BARBOSA, 2010, p. 34). O autor/autora do JP, pode inclusive, em decorrência da opção “Rascunho” da interface blog, deixar o texto escrito oculto até quando achar que já se encontra em condição de publicizá-lo.

Á primeira vista, o jornal de pesquisa deve ser visto como um diário pelo fato de nele registrar-se o cotidiano de modo livre, espontâneo. Por não estar comprometido, de imediato, com uma escrita a ser apreciada por outrem, o pesquisador anota suas observações e reflexões com liberdade quanto às regras e às exigências ortográficas ou de outra ordem de expressão linguística. A principal preocupação, nesse momento, é a escrita pura e simplesmente do que lhe chama a atenção por se tratar de um sentimento, uma reflexão, uma conexão de ideias...enfim, trata-se de um material que retornará a ele. (BARBOSA, 2000, p. 20).

Essa escrita, inicialmente íntima/privada e livre, passa por um caminho, na sistematização e organização, até se tornar pública. Destaco uma das postagens para exemplificar as possibilidades do JP como espaço de reflexões, na qual relatei uma visita técnica que fiz à Universidade Aberta de Portugal em junho de 2022 (mensagens retiradas do meu Instagram<sup>7</sup>):

[...] conhecendo o Laboratório de Educação a distância e e-learning, acompanhada por professores [...] e tutores; conversa com professores-pesquisadores e discussão sobre divulgação e difusão científica. Atividades significativas para a internacionalização na educação superior, no tocante a parcerias das universidades, assim como na formação de pesquisadores.

---

<sup>7</sup> Disponível em:< <https://jornaldepesquisamaristelamidlej.blogspot.com/search?updated-max=2022-06-29T06:00:00-07:00&max-results=7&start=7&by-date=false>>

Tais relevâncias, para professora-pesquisadora e professora-supervisora, podem ser constatadas em um dos comentários da professora Edméa Santos, minha supervisora do pós-doc, na minha mensagem postada no Instagram<sup>8</sup> sobre os ocorridos:

É bom que esta atividade marca também a sua inserção na comunidade científica internacional. A UAB-PT é parceira em diferentes dispositivos de pesquisa e formação. O estágio pós-doutoral é um processo formativo que também partilha redes, conexões, parcerias. Tudo isso volta para nossas salas de aula, grupos de pesquisa, nossos programas de pós-graduação... [...] Visita técnica com diferentes atividades (conferência, oficina, banca, conversas, reunião com editores e revista etc.). De agora em diante, penso que o que estamos vivendo nestas semanas seja de fato uma atividade formativa intencional na formação de pós-doc e doutorandos.

Ao reconhecer a importância das referidas ações, a professora Edméa Santos destaca os desafios que estão postos para a existência/concretização dessas práticas com uma certa frequência. Segundo ela, o “desafio do financiamento é um dilema que atinge a mobilidade entre grupos de pesquisa. O online nos ajuda nesse ponto. Mas nada substitui a relação cidade-ciberespaço, até porque ampliar repertórios para formar nos formando requer imersão com o corpo todo, inclusive com caminhar ubíquo”. Afirmativa que estamos fazendo constar na nossa pesquisa, o que pode ser acessado em um dos espaços do meu JP, em que posto e comento os espaços por onde tenho passado e o que tenho visto de significativo.

Quando escrevemos nosso JP, já estamos com o pensamento na escrita do relatório de pesquisa e dos artigos; portanto, reconhecemos que esse processo de registro, de releitura, que é individual e passa a ser coletivo quando publicado nas interfaces que compõem os sites/ambientes virtuais que permitem a interatividade, nos ajuda no processo de escrita/reescrita do texto, o que “tem a ver com a criação de possibilidade do distanciamento tão necessário para se formar um juízo sobre o tema em questão, mesmo que seja para nós mesmos” (BARBOSA, 2010, p. 38), contribuindo, como diz o autor, para “um reolhar-se sobre si”.

Voltando à apresentação do JP, na coluna da direita, criamos os espaços que serão discutidos a seguir. O primeiro deles é aquele em que disponibilizamos os temas que emergiram da análise dos dados. No caso descrito, foram: dororidade e sororidade, interseccionalidade, empoderamento, feminismo negro, letramento racial e cibercultura, mobilidade e ubiquidade. Esses temas surgiram a partir do olhar da pesquisadora na análise do material escolhido para a pesquisa, construído no movimento das praticantes culturais nos diferentes ambientes virtuais,

---

<sup>8</sup> Costumo fazer uma sincronização entre as postagens do JP e o Instagram, pois esta rede social é mais acessada por orientadores/supervisores de pesquisas e outros pesquisadores interessados na temática estudada, o que permite a interatividade entre todos.

espaços em que elas estão imersas. Apesar de privilegiar o Instagram (onde constam imagens, vídeos, socialização de eventos etc.), não desconsideramos as lives e as entrevistas em que elas participaram e que foram compartilhadas no YouTube e no Facebook.

Ainda na coluna da direita, disponibilizamos sugestões de filmes interessantes sobre o tema de estudo vistos pela pesquisadora, além de outros sugeridos pelas praticantes culturais em seus respectivos perfis no Instagram. Nessa mesma coluna, há dois outros espaços que consideramos significativos para a pesquisa. O primeiro deles é o Espaço de conversas que permite a interatividade, no qual qualquer pessoa que acesse o JP e tenha interesse pode dialogar com a pesquisadora. O segundo está dedicado ao caminhar ubíquo, com links para o que estamos chamando de “Ampliando o repertório cultural” e para “Sabores e saberes: restaurantes, comidas típicas, entre outros temas, elementos que também fazem parte da rede da criação da pesquisadora.

Diante do exposto, consideramos o JP um dos meios para o desenvolvimento da autoria. E, com a plasticidade do digital, a manipulação de imagens, sons e textos, ele possibilita que o autor e seus coautores narrem histórias e as ilustrem em diferentes formatos hipertextuais e linguagens diversas, além garantir espaços para a interatividade. Para Santos (2006, p.136), com a emergência da educação online e do potencial dos AVA, os diários eletrônicos começaram a indicar a possibilidade concreta na mediação de processos reflexivos (na ação e sobre a ação) em cenários de formação. Essa foi a intenção da criação do nosso JP.

## RESULTADOS

Consideramos que o que estamos fazendo na pesquisa atual e os métodos utilizados estão em consonância com as ideias de Roberto Sidnei Macedo, para quem é fundamental para pesquisa da/com a experiência “a formação de uma atitude de pesquisa advinda de um certo analisador epistemológico fundado na pluralidade dos aportes e dos etnométodos com os quais, nos seus encontros, os saberes da pesquisa são criados” (MACEDO, 2015, p. 17). O que estamos pesquisando/compreendendo senão as experiências vividas por nós e pelas praticantes culturais, escolhidas para serem parceiras nessa aventura pensada?

Ressaltamos que “a experiência é fonte inesgotável de sentidos e implicação, isto é, conteúdos existenciais, sociais, culturais e eróticos que nos referenciam, orientam, dá potência, nutre e sustenta as nossas escolhas, que nos movem para nossos objetivos e nossos processos criativos [...]” (MACEDO, 2015, p. 20). Meu projeto de pós-doutoramento é claramente um projeto de vida e um projeto sociocultural. As descobertas e as confirmações nele verificadas têm mexido com minhas questões identitárias. Além disso, é um campo de luta/militância por vidas

melhores para pessoas pretas. Meu propósito é poder contribuir para o meu processo formativo, assim como dos professores e professoras em formação inicial e continuada.

## CONCLUSÕES

Fazer pesquisa pressupõe um entrelaçamento de nós que vão sendo tecidos ao longo do percurso das descobertas, da busca de respostas para as questões propostas. Esses nós são as leituras realizadas, os encontros com os amigos e colegas e com pesquisadores mais experientes, são as conversas em mesa de bar, são vídeos a que vamos assistindo pela rede. E podem ser outros nós, como filmes a que assistimos no cinema, anotações que fazemos durante e após as visitas a escolas e universidades. Assim, o JP, um instrumento que pode contemplar todos estes nós, e que é público, vai sendo escrito durante todo o processo de investigação.

A intenção com o uso desse dispositivo não é somente expor os caminhos da pesquisa, é principalmente refletir sobre as vivências que se conectam para criar a rede de relações que a criam e que constituem o pesquisador como autor do trabalho, além de potencializar a abertura para a cocriação de parcerias nesse processo. Caminhando nessa direção, o jornal de pesquisa é, sem dúvida, concordando com Barbosa (2000, p. 19), um importante recurso de formação do pesquisador-autor, pois “ele possibilita ao formando, por um lado, distanciar-se de seu objeto e, por outro, reconhecer e refletir sobre o processo interno que ocorre com o pesquisador”.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: I. B. Oliveira e N. Alves, N. (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos: sobre redes de saberes**, p.15-38. Petrópolis: DP, 2008.

\_\_\_\_\_. ALVES, Nilda. Redes educativas “dentrofora” das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: DALBEN, Angela et al. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 49-66.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**, p.24-41. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

Bakhtin, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano, 2007.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. O diário de pesquisa: entendimento e prática. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves & HESS, Remi (Orgs.). **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: LiberLivro, 2010.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. IN: LUBISCO, Níbia; BRANDÃO, Lídia (orgs.). **Informação & Informática**. Salvador: EDUFBA, 2000. p. 283-307.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JOSSO, Marie Christine. **Caminhar para si**. Tradução A. Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2006.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

Morin, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, Antonio. Prefácio. In: JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**, p. 11-17. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. UFBA, Faculdade de Comunicação. Bahia, 2002.

PALÁCIOS, Marcos e RIBAS, Beatriz. **Manual de Laboratório de Jornalismo na internet**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: EDUC. 2008a.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação: construção da obra de arte**. 2.ed. São Paulo: Horizonte, 2008b.

SALLES, Cecília Almeida. **Arquivos de criação: arte e curadoria**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.



SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Humanos e hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTOS, Edméa. **Educação online: ciberultura e pesquisa-formação na prática docente**. Tese (Doutorado) em Educação. Universidade Federal da Bahia, 2005.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na ciberultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. e WEBER, Aline. Diários online, ciberultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: E. Santos (Org.). **Diários online: dispositivo multirreferencial de pesquisa formação na ciberultura**, p.13-31. Coleção estudos Pedagógicos. Santo Tirso: Portugal: Whitebooks, 2014.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

VELOSO, Maristela. Midlej Silva de Araujo e BONILLA, Maria Helena Silveira. **O jornal de pesquisa e o diário de campo como dispositivos da pesquisa-formação**. Interfaces Científicas – Educação, Aracaju, 6(1), pp. 47-58, 2017.

ZABALZA, Miguel Angel. **Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto-PT: Porto editora, 1994.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.